

PEDRO DUARTE FERNANDES ANDRADE VIVEIROS

**ATTITUDES E COMPORTAMENTOS AMBIENTAIS
RESPONSÁVEIS NA REGIÃO AUTÓNOMA DA
MADEIRA**

Orientadora: Professora Doutora Ana Loureiro

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa
2019**

PEDRO DUARTE FERNANDES ANDRADE VIVEIROS

**ATTITUDES E COMPORTAMENTOS AMBIENTAIS
RESPONSÁVEIS NA REGIÃO AUTÓNOMA DA
MADEIRA**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Social e das Organizações no Curso de Mestrado de Psicologia Social e das Organizações conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com o despacho de nomeação de júri Nº 88/2019, com a seguinte composição de júri:

Presidente: Professor Doutor Mauro Bianchi

Arguente: Professor Doutor Carlos Alves Rosa
(Universidade Europeia)

Orientadora: Professora Doutora Ana Loureiro

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2019

AGRADECIMENTOS

Quero manifestar o meu mais sincero agradecimento a todos os que me acompanharam nesta atribulada e longa viagem.

A todos os meus amigos e colegas, e aos meus professores ao longo deste meu percurso académico, em particular, à minha orientadora nesta tese de mestrado Professora Dra. Ana Loureiro por, mais do que partilhar o seu conhecimento, ter despertado em mim uma maior consciência do contributo fulcral que o psicólogo pode oferecer no âmbito ambiental, na compreensão e promoção de melhores atitudes e comportamentos pró-ambientais, tão necessários nos tempos que correm.

Agradeço, ainda, à minha namorada pela sua compreensão, incentivo, carinho e, especificamente, ao seu empenho na revisão gramatical do texto e por me lembrar sempre de separar o lixo. A toda a minha família e, em particular, à minha mãe, a minha profunda gratidão pelo seu constante incentivo, paciência e apoio a todos os níveis, mais dos que consigo expressar em palavras. Por fim, pelo incansável desejo que terminasse o curso, por toda a sabedoria que me passou ao longo dos anos e pela forma honesta, corajosa e inteligente como viveu a sua vida, dedico a minha tese à minha avó, que ficará para sempre comigo, como uma grande inspiração e exemplo na minha vida. Finalmente lhe posso dar esta alegria.

Muito obrigado a todos.

RESUMO

Este estudo exploratório tem como objetivo verificar, através da aplicação do Questionário Observatório do Consumo Consciente, a relação que existe entre atitudes ambientais e o comportamento responsável, nomeadamente pelos hábitos de consumo, comportamentos de poupança energética, comportamentos de reciclagem e comportamentos de mobilidade em indivíduos residentes na Região Autónoma da Madeira (RAM), bem como, analisar as diferenças existentes ao nível de fatores como a idade e o género. Os resultados mostram que a população da RAM demonstra níveis altos de atitudes e preocupações ambientais, comportamentos de consumo consciente, comportamentos de poupança energética e comportamentos pró-ambientais (reciclagem), apresentando níveis moderadamente baixos em comportamentos de mobilidade ambientalmente responsável. Os resultados mostram que as atitudes e preocupações ambientais estão associadas aos comportamentos pró-ambientais e aos comportamentos de poupança. Bem como, que os comportamentos de consumo consciente estão associados aos comportamentos de poupança e negativamente associados aos comportamentos de mobilidade. No que se refere ao género, não foram encontradas diferenças significativas em nenhum dos comportamentos e atitudes analisados. Quanto à idade, verificamos que há uma tendência para os mais velhos terem mais comportamentos de poupança e que demonstram significativamente mais comportamentos pró-ambientais do que os mais novos.

Palavras-chave: Região Autónoma da Madeira; Atitudes; Comportamento ambiental.

ABSTRACT

This exploratory study aims to verify, through the application of the Conscious Consumption Observatory Questionnaire, the relationship between environmental attitudes and responsible behavior, namely through consumption habits, energy saving behaviors, recycling behaviors, mobility behaviors in individuals living in the Autonomous Region of Madeira (ARM), as well as to analyze the differences between factors such as age and gender. The results show that the ARM population demonstrates high levels of environmental attitudes and concerns, conscious consumer behaviors, energy saving behaviors and environmental (recycling) behaviors, with moderately low levels of environmentally responsible mobility behavior. The results show that environmental attitudes and concerns are associated with pro-environmental behaviors and energy saving behaviors. As well as, that conscious consumer behaviors are associated with energy saving behaviors and negatively associated with mobility behaviors. Regarding gender, no significant differences were found in any of the behaviors and attitudes analyzed. As for age, we found that a tendency for older adults to demonstrate more energy saving behaviors and significantly more pro-environmental behaviors than younger ones.

Keywords: Autonomous Region of Madeira; Attitudes; Environmental behavior.

ABREVIATURAS E SIGLAS

RAM	- Região Autónoma da Madeira
PTc	- Portugal continental
VBN	- Values beliefs norms – Valores crenças normas
M	- Média
DP	- Desvio Padrão
N	- Número total da população
n	- Número da amostra
p	- Probabilidade calculada
R^2_{Adj}	- Quadrado de R ajustado para pequenas amostras
R^2	- Quadrado de R, indica a percentagem de variação explicada pela regressão
F	- Valor do teste F (ANOVA)
B	- Beta não estandardizado
$SE\ B$	- Erro padrão do beta não estandardizado
t	- Estatística do teste

SÍMBOLOS

β	- Beta estandardizado, a probabilidade de fazer um erro de Tipo 2 no teste de hipótese
χ^2	- Qui-quadrado
%	- Percentagem

ÍNDICE GERAL

Capítulo 1 – Atitudes e comportamentos sustentáveis	9
Componentes das atitudes como precursores de comportamentos.....	9
Formação das intenções comportamentais.....	10
Normas sociais e os comportamentos pró-ambientais.....	11
Fatores pessoais e sociais que influenciam a preocupação e os comportamentos relativos ao ambiente	14
Visão Política	15
Percepção da Natureza	16
Idade.....	17
Género	17
Classe social.....	18
Objetivos.....	19
Capítulo 2 – Método... ..	19
Participantes.....	20
Instrumento	22
Procedimento.....	23
Capítulo 3 – Resultados.....	23
Capítulo 4 – Discussão.....	30
Referências	36
Apêndices.....	i
Apêndice I – Tabela de médias e desvios padrão nas respostas aos Questionários do Consumo Consciente (QCS), comparação entre a Região Autónoma da Madeira (RAM) e Portugal continental (PTc).....	i
Apêndice II - Questionário do Consumo Consciente	iii
Apêndice III – Consentimento Informado	xi

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. <i>Coeficientes de correlação de Pearson inter-índices</i>	25
Tabela 2. <i>Sumário da análise de regressão simples para o efeito das atitudes e preocupações ambientais nos comportamentos indicados</i>	26
Tabela 3. <i>Crosstabs entre Sexo e o Índice de Atitudes e Preocupações Ambientais</i>	27
Tabela 4. <i>Crosstabs entre Sexo e o Índice de Comportamentos de Poupança</i>	27
Tabela 5. <i>Crosstabs entre Sexo e o Índice de Comportamentos Pró Ambientais</i>	27
Tabela 6. <i>Crosstabs entre Sexo e o Índice de Comportamentos de Consumo</i>	27
Tabela 7. <i>Crosstabs entre Sexo e o Índice de Comportamentos de Mobilidade</i>	28
Tabela 8. <i>Crosstabs entre Idade e o Índice de Atitudes e Preocupações Ambientais</i> ...	28
Tabela 9. <i>Crosstabs entre Idade e o Índice de Comportamentos de Poupança</i>	29
Tabela 10. <i>Crosstabs entre Idade e o Índice de Comportamentos Pró Ambientais</i>	29
Tabela 11. <i>Crosstabs entre Idade e o Índice de Comportamentos de Consumo</i>	29
Tabela 12. <i>Crosstabs entre Idade e o Índice de Comportamentos de Mobilidade</i>	30

Capítulo 1 - Atitudes e Comportamentos Sustentáveis

Componentes das Atitudes como Precursores de Comportamentos

Os desafios ambientais e sociais que se tornaram ainda mais evidentes e maioritariamente aceites, no início do século XXI, como a mudança climática, a perda de biodiversidade, a deflorestação, a poluição, a escassez de água potável, a sobrepopulação, o desenvolvimento urbano e a gestão de resíduos (WWF, 2018), lembram-nos de como o nosso bem-estar está intimamente ligado a um meio ambiente equilibrado e saudável. Demonstram, ainda, a existência de uma relação inversa: o impacto que as perceções humanas, as atitudes e, especialmente, os comportamentos têm no bem-estar ambiental (Swim, Clayton & Howard, 2011).

Este estudo exploratório tem como objetivo verificar, através da aplicação do Questionário Observatório do Consumo Consciente (Loureiro, Rousseau, Rosa & Gomes, 2017), a relação que existe entre as atitudes ambientais e o comportamento responsável, nomeadamente pelos hábitos de consumo, comportamentos de poupança energética, comportamentos de reciclagem, comportamentos de mobilidade em indivíduos residentes na Região Autónoma da Madeira (RAM), bem como analisar a influência de fatores como, a idade, o género, nas atitudes e comportamentos ambientais responsáveis..

As atitudes são o que nos permite associar termos como “bom” ou “mau”, “desejável” ou “indesejável” a um objeto psicológico e, deste modo, nos aproximar do que consideramos ser positivo e nos afastar do que consideramos ser negativo. São um fator central na forma como interagimos com o mundo que nos rodeia, sendo descritas por G. Allport, já em 1935, como “o conceito mais distinto e indispensável para a Psicologia Social”, quando desenvolveu a teoria em que a relação da atitude com o comportamento não tinha apenas uma dimensão, mas sim, era multidimensional. As

atitudes eram vistas como um sistema complexo composto de crenças, dos seus sentimentos sobre um objeto, bem como das suas tendências de ação em relação a esse objeto.

As atitudes são frequentemente descritas como tendo três componentes: afeto, comportamento e cognição (Katz & Stotland, 1959; Rosenberg & Hovland, 1960), mais conhecido, pela sua versão inglesa, como o modelo ABC. A título de exemplo, observando a atitude de um ambientalista relativamente à reciclagem, a componente afetiva poderia ser “eu sinto-me bem a reciclar”, a componente comportamental “reciclo regularmente” e a componente cognitiva “reciclar é a coisa responsável a fazer”. As atitudes ambientais podem ser descritas como uma preocupação com o ambiente ou importar-se com os problemas ambientais (Gifford & Sussman, 2012).

Formação das Intenções Comportamentais

De acordo com a teoria do comportamento planeado (Fishbein & Ajzen 1980), o que as pessoas fazem, as suas ações, são guiadas por três tipos de considerações: crenças sobre os resultados mais prováveis do comportamento e as avaliações desses mesmo resultados (crenças comportamentais); crenças sobre as expectativas normativas dos outros e a motivação de cumprir com essas expectativas (crenças normativas) e crenças sobre a presença de fatores que possam facilitar ou impedir o desempenho do comportamento, bem como o poder percebido desses fatores (crenças de controle).

Resumidamente, as crenças comportamentais produzem uma atitude favorável ou desfavorável para com o comportamento; as crenças normativas resultam numa percepção de pressão social ou norma subjetiva e as crenças de controlo despoletam uma percepção de um grau de controlo comportamental. A combinação da atitude para com um comportamento com a norma subjetiva e a percepção de controlo leva à formação de

uma intenção comportamental. Regra geral, quanto mais favorável for a atitude, a norma subjetiva e o controlo percebido, mais forte será a intenção de uma pessoa realizar o comportamento em questão. Por fim, dado um grau suficiente de controle real sobre o comportamento, é expectável que as pessoas ajam de acordo com as suas intenções quando surge a oportunidade. A intenção é então um precursor imediato do comportamento.

A teoria do comportamento planeado, foi, como referem Fielding, McDonald e Louis (2008), usada com sucesso para compreender uma vasta gama de comportamentos ambientais responsáveis, como a reciclagem (e.g., Boldero, 1995; Cheung, Chan, & Wong, 1999; Taylor & Todd, 1995), a compostagem (Taylor & Todd, 1995), a utilização de energia (Harland, Staats, & Wilke, 1999), a preservação de água (Harland et al., 1999; Kantola, Syme, & Campbell, 1982), ou a adoção de práticas de agricultura sustentáveis (e.g., Beedell & Rehman, 1999, 2000; Carr & Tait, 1991; Fielding, Terry, Masser, & Hogg, 2008, 2005).

Normas Sociais e os Comportamentos Pró-ambientais

Na teoria da ativação da norma, contrariando a noção de que os comportamentos pró-ambientais são guiados por motivações altruístas, Schwartz (1977), propõe que estes comportamentos pró-ambientais são motivados por normas sociais e não, por motivações intrínsecas. Schwartz refere que as normas pessoais são sentimentos de forte obrigação moral que os indivíduos experienciam que motivam o comportamento pró-social. Contrastando com a teoria do comportamento planeado, as normas não são mediadas pelas intenções do indivíduo. As normas pessoais interiorizadas, são precedidas por uma tomada de consciência das consequências das nossas ações e uma aceitação da responsabilidade pessoal por essas consequências. O que determina a força do par norma-comportamento é a força destes dois fatores, ou como referem, Gifford e Nilsson (2014),

fornecendo uma obrigação moral no sentido de efetuar uma ação, por exemplo, contra a energia nuclear (De Groot & Steg, 2010), ou a intenção de reduzir a utilização do carro próprio (Abrahamse, Steg, Gifford, & Vlek, 2009). Os elementos da teoria – consciência da necessidade de ação, consciência das consequências, normas pessoais e subjetivas – parecem ser fortes preditores do comportamento pró-ambiental (De Groot & Steg, 2009). Um outro estudo baseado na teoria de Schwartz (1977), aplicando normas subjetivas, mostrou que os pais podem criar em crianças normas de reciclagem e reutilização de papel (Matthies, Selge, & Klöckner, 2012).

A *focus theory* da conduta normativa (Cialdini, Reno, & Kallgren, 1990), expande o conceito de Schwartz, afirmando que algumas ações, i.e., o altruísmo, são aceites maioritariamente como bons comportamentos, sugerindo que alguns comportamentos poderão ser explicados mais pelo contexto situacional do que por diferenças individuais na influência normativa, e que as normas motivam o comportamento quando se tornam salientes. Os resultados de alguns estudos, i.e., propensão para deitar lixo ao chão como função da saliência da norma descritiva e estado do ambiente (Cialdini, Reno & Kallgren, 1990; Reno, Cialdini, & Kallgren, 1993); ou influência das normas injuntiva e descritiva nas intenções de reciclagem (Cialdini, 2003), indicaram que as normas injuntivas e descritivas tinham efeitos variáveis dependendo de se o comportamento prevalente era benéfico ou prejudicial ao ambiente, i.e., os participantes mais facilmente deitavam lixo ao chão se já houvesse lixo no chão, quando comparado com um ambiente sem lixo. As perceções de forte saliência da norma descritiva e injuntiva, como referido por Gifford e Nilsson (2014), produzem maiores taxas de participação em comportamento de conservação (e.g., Schultz, Khazian, & Zelezny, 2008). Noutro estudo sobre o comportamento de poupança de energia em casa (Schultz, Nolan, Cialdini, Goldstein, & Grieskevicius, 2007), verificaram que a mensagem

de norma subjetiva aumentava ou diminuía o consumo de acordo com o comportamento já prevalente na casa e que, adicionando mensagens de norma injuntiva (transmitir aprovação ou reprovação social da medida), eliminava o comportamento indesejado, i.e., o aumento do consumo de energia.

Já Stern (2000), na sua teoria VBN (Valores, Crenças, Normas – em inglês Values, Beliefs, Norms), considerou que para os comportamentos que não são limitados por forças contextuais, a escolha individual que guia as ações pró-ambientais pode ser impulsionada por valores, crenças e normas pessoais, referidas como um sentimento internalizado de obrigação para agir de uma determinada maneira. O comportamento é baseado na interação destes três fatores, com uma aceitação de determinados valores pessoais, a crença de que coisas importantes para esses valores estão ameaçadas, e a crença de que as ações do indivíduo podem ajudar a aliviar a ameaça e repor os valores. As normas são ativadas quando um indivíduo acredita que se as violar terá de lidar com os efeitos adversos sobre coisas que valoriza e que por agir, terá de arcar com a responsabilidade dessas consequências. Muitos dos estudos sobre o tema de atitudes e comportamentos pró-ambientais estão baseados no facto de que as normas morais e as atitudes pró-sociais são preditores significativos dos comportamentos pró-ambientais. Num estudo, Stern (2000), demonstrou que os valores altruístas estão fortemente associados à ativação da norma pessoal pró-ambiental, tendo-se verificado uma correlação negativa no que se refere aos valores egoístas.

A teoria referida acima, como referem Fang e colaboradores (Fang et. al, 2017), postula que motivações morais pessoais como valores, crenças e normas podem encorajar um indivíduo a ser mais ativo na proteção do ambiente, logo, exibir comportamentos pró-ambientais positivos (Stern, 2000). Esta teoria do ambientalismo VBN já foi conceptualmente testada em vários estudos (Oreg, S. & Katz-Gerro, T., 2006; Stern, et.

al, 1999) de modo a explicar as dimensões e variantes relevantes do comportamento individual com significância ambiental. Um outro estudo realizado por Eriksson et al. (2006), sugere que as crenças e normas pessoais estão positivamente relacionadas com a orientação pró-ambiental e a motivação para reduzir a utilização do carro. Já um estudo de Jansson et al. (2011), também verificou que os valores, crenças e normas pessoais estão positivamente associados à adoção do consumidor de eco-inovações com forte envolvimento do indivíduo como comprar um veículo com combustível alternativo. Loureiro (2011) sugere que os valores altruístas e ambientais, e as normas morais pessoais estão positivamente associados aos comportamentos de poupança de energia em contexto organizacional.

Fang et. Al (2017), mencionam que, no entanto, a teoria VBN, centra-se principalmente em valores e normas pessoais (morais) com uma predição abrangente das circunstâncias dos valores pessoais, mas menor predição dos efeitos de normas sociais provenientes de um sentimento de obrigação externo.

Fatores Pessoais e Sociais que Influenciam a Preocupação e os Comportamentos Relativos ao Ambiente

Robert Gifford e Andreas Nilsson (2014), num trabalho de revisão, analisaram 18 fatores pessoais e sociais que influenciam a preocupação e os comportamentos relativos ao ambiente nomeadamente, e no âmbito pessoal: o contacto com a natureza na infância, o conhecimento sobre temas ambientais, o nível de educação formal, o tipo de personalidade e os autoconstrutos, o locus de controlo, os valores, a visão política e do mundo, objetivos pessoais, a responsabilidade sentida, os vieses cognitivos, a ligação ao sítio onde habita, a idade, o género e as atividades em que escolhe participar. Os fatores sociais incluem a religião, diferenças entre habitar em meio rural ou urbano, normas, classe social, proximidade a locais com problemas ambientais, e as variações culturais e

étnicas. Apenas iremos referir os fatores que poderão desempenhar um papel relevante neste estudo.

Gifford e Nilsson (2014), referem que os fatores pessoais que influenciam positivamente as atitudes e comportamentos pró-ambientais, incluem, um maior nível de educação formal, no âmbito do ambiente (Arcury & Christianson, 1993; Chanda, 1999; Hsu & Rothe, 1996; Klineberg, McKeever, & Rothenbach, 1998; Ostman & Parker, 1987), com a exceção dos formados nas áreas de Negócios (Synodinos, 1990) e Tecnologia (McKnight, 1991). O locus de controle interno, a tendência dos indivíduos atribuírem o controlo sobre eventos da vida a si mesmos, foi associado a uma maior tendência para comprar produtos ecológicos nos E.U.A. (Schwepker & Cornwell, 1991), e a intenções e comportamentos pró-ambientais mais fortes na Alemanha e no Japão (Ando, Ohnuma, Blöbaum, Matthies, & Sugiura, 2010), bem como na Austrália (Fielding & Head, 2012) incluindo a utilização do carro no trajeto de casa para o trabalho no Canadá (Abrahamse, Steg, Gifford, & Vlek, 2009).

Visão política. Relativamente à visão política, Gifford e Nilsson (2014), referem que indivíduos que valorizam os princípios do mercado livre, acreditando que a tecnologia vai resolver os problemas ambientais, e que a economia é a melhor medida do progresso, estão associados a uma menor preocupação com o ambiente (Heath & Gifford, 2006; Kilbourne, Beckmann, & Thelen, 2002), do mesmo modo que indivíduos com uma visão política mais à direita e conservadora (Eiser et al., 1990; Schultz & Stone, 1994). Num estudo realizado por McCright & Dunlap, em 2012, verificaram que os americanos do sexo masculino, caucasianos e conservadores estão menos preocupados com o ambiente que outros adultos. Já a visão mais à esquerda e liberal resulta num maior compromisso verbal para com medidas pró-ambientais, quando expostos a um ambiente degradado, como verificado num estudo canadiano (Hine & Gifford, 1991). Estas

diferenças entre os lados opostos do espectro político podem atenuar-se, através da utilização, nos apelos de ação pró-ambiental, de termos mais apelativos aos indivíduos de direita ou conservadores, como “pureza”, um valor que está mais em sintonia com os indivíduos de direita. Enquanto que para os indivíduos de esquerda que vêem o ambiente mais em termos morais, a terminologia deverá ser “cuidar” e “prejudicar” (Feinberg & Willer, 2012).

Convém lembrar que “as pessoas têm múltiplos valores e que quando dois desses valores entram em conflito, o que irá predizer melhor o comportamento pró-ambiental será a diferença do apoio preexistente a cada um dos dois valores” (Howes & Gifford, 2009). Num estudo internacional, elaborado em 18 países, verificaram que os participantes de 15 países consideravam que as ameaças ao ambiente eram menores no seu local que noutros lugares mais distantes. Na amostra realizada em Portugal, Lima e Castro (2005), verificaram que os igualitários acreditavam mais nesta proposição do que os individualistas.

Percepção da natureza. A perspetiva de como percecionamos a “natureza da Natureza” também influencia a preocupação ambiental (Gifford e Nilsson, 2014). Segundo Adams (1995), podem ser identificados quatro “Mitos da Natureza”, sendo que, aqueles que pensam de acordo com o terceiro mito, a Natureza como algo efémero e que acreditam que é frágil e delicada e que mesmo pequenas perturbações terão consequências desastrosas, têm mais preocupações ambientais; e aqueles que acreditam no mito da natureza benigna, o segundo mito – a Natureza é bastante capaz de se adaptar, encontrar o seu equilíbrio, mesmo quando perturbada – estão menos preocupados com o ambiente (Poortinga, Steg, & Vlek, 2003).

Idade. A idade desempenha também um papel nos comportamentos e preocupações pró-ambientais. Gifford e Nilsson (2014) referem que as crianças e

adolescentes (4 aos 18 anos), vão gradualmente aumentando a sua capacidade de gerir um recurso de forma sustentável (Gifford, 1982). Curiosamente, as raparigas parecem gerir melhor em idades menores, e os rapazes melhor em maiores idades. Alguns estudos com adultos, revelam que as pessoas com mais idade reportam que praticam mais comportamentos pró-ambientais do que os mais jovens (Gilg, Barr, & Ford, 2005; Pinto, Nique, Añaña, & Herter, 2011; Swami, Chamorro-Premuzic, Snelgar, & Furnham, 2011). Relativamente às preocupações ambientais, o cenário revela-se o oposto. A maioria dos estudos indica que as pessoas mais novas reportam ser mais preocupadas com o ambiente do que as pessoas com mais idade, pelo menos no caso do ambiente em geral (Arcury & Christianson, 1993; Honnold, 1984–85; Klineberg et al., 1998; Zhang, 1993), apesar de ser necessária mais investigação sobre a causa desta preocupação, pois também se verifica que as pessoas mais novas são menos ecocêntricas (Casey & Scott, 2006; Grendstad & Wollebaek, 1998). Mas seria um erro afirmar que as pessoas com mais idade não se preocupam com o ambiente pois esta preocupação é muito variável entre adultos com mais idade (Wright, Caserta, & Lund, 2003).

Género. No que toca ao género, Gifford e Nilsson (2014) revelam que estudos recentes indicam que as mulheres reportam atitudes, comportamentos e preocupações ambientais mais fortes do que os homens (Blocker & Eckberg, 1997; Gutteling & Wiegman, 1993; Luchs & Mooradian, 2012; Scannell & Gifford, 2013; Tikka et al., 2000; Zhang, 1993). Sendo esta diferença de atitudes e comportamentos entre géneros ao longo da vida também encontrada num outro estudo, internacional, em 14 países da Europa, América Latina e E.U.A., e onde era consistentemente mais forte para os comportamentos do que para as atitudes pró-ambientais (Zelezny, Chua, & Aldrich, 2000). Outra das diferenças de género verificadas, é que as mulheres apesar de expressarem maior preocupação ambiental e que têm a intenção de fazer mais pelos problemas ambientais,

parecem, no geral, ter menos conhecimento factual sobre os problemas ambientais que os homens (Arcury & Christianson, 1993; Gambro & Switzky, 1999; Gifford et al., 1982–83; Levine & Strube, 2012).

Classe social. No que se refere à classe social, Gifford e Nilsson (2014), referem que os ambientalistas tendem a ser indivíduos de classe média a média-alta. Como evidenciado em estudos sobre o comportamento do consumidor na Alemanha (Balderjahn, 1988), comportamentos de poupança de energia (Howard, Delgado, Miller, & Gubbins, 1993), e reciclagem nos E.U.A. (Laidley, 2011). Já, Inglehart (1995), verificou que, em média os cidadãos de países mais ricos têm ou, ao menos, reportam ter maiores preocupações ambientais. Outro estudo de Frazen (2003), comprovou que a preocupação ambiental tem uma clara correlação positiva com o produto nacional bruto (PNB) per capita. No entanto, devemos ter em conta que os fatores económicos prevêm a preocupação ambiental a um nível nacional, mas não a um nível individual (Kemmelmeyer, Król, & Young, 2002).

“A cultura, entendida como um padrão de crenças, valores, normas e atitudes partilhadas, permeia as interações das pessoas com a tecnologia, molda a produção industrial e o consumo doméstico, e guia a procriação e o desenvolvimento” (Vlek & Steg, 2007). Em muitas culturas, os bens materiais e o consumo são símbolos associados à identidade pessoal, sucesso, e poder numa sociedade (Dittmar, 1992). Vlek e Steg (2007) referem que se queremos manter habitáveis os ecossistemas da terra, para as presentes e futuras gerações, é necessário incorporar na cultura um pensamento a longo prazo e um maior coletivismo (Triandis, 1995).

As mudanças comportamentais e ambientais podem afetar o bem-estar das pessoas de forma significativa, essas mudanças podem ser avaliadas em termos de mudanças específicas na qualidade de vida dos indivíduos (Vlek e Steg, 2007).

A sustentabilidade ambiental é um problema que perdura na sociedade e que abrange os espaços urbanos, os recursos naturais, a vida selvagem, as áreas de recreio e, de um modo abrangente, as condições meteorológicas e o clima para todas as formas de vida. Para assegurar a segurança e sustentabilidade ambiental, os objetivos das políticas ambientais devem ser a reversão da tendência da deterioração gradual do ambiente, tanto a nível local, como a nível global (Vlek & Steg, 2007).

Objetivo

Este estudo exploratório tem como objetivo estudar a relação entre os níveis de atitudes e preocupações ambientais e os comportamentos sustentáveis na Região Autónoma da Madeira (RAM). Adicionalmente procurar-se-á avaliar o papel das variáveis sociodemográficas (e.g., género, idade) nas atitudes e comportamentos e sustentáveis desta população.

Capítulo 2 - Método

O presente estudo insere-se num estudo mais alargado, realizado em Portugal continental anualmente, o Observatório do Consumo Consciente (Loureiro, Rousseau Rosa & Gomes, 2017). O presente estudo foi submetido e aceite pela Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Participantes

Definiu-se, através do método de quotas, uma amostra proporcional à população residente na RAM, com base nas variáveis género, idade, de acordo com os dados dos censos do INE de 2011.

Os participantes neste estudo são indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos, residentes na RAM.

A amostra é composta por um total de 33 indivíduos, com idades entre os 18 e os 83 ($M_{idade} = 41,67$; $DP_{idade} = 18,44$), sendo 16 do sexo masculino (48,5%), e 17 do sexo feminino (51,5%).

Os participantes foram organizados por idades, dos 18 - 24 anos, representando 24,2% ($n = 8$), dos 25 - 34 anos, representando 18,2% ($n = 6$), dos 35 - 44 anos, representando 18,2% ($n = 6$), dos 45 - 54 anos, representando 12,1% ($n = 4$), dos 55 - 64 anos, representando 12,1% ($n = 4$), dos 65 - 74, representando 9,1% ($n = 3$), e dos 75 a mais anos, representando 6,1% ($n = 2$).

No que se refere ao grau de instrução dos participantes, os indivíduos com instrução ‘até ao 1º ciclo’ representam 3,0% ($n = 1$), com ‘2º / 3º ciclos’ representam 39,4% ($n = 13$), e com ‘+ 3º ciclo’ representam 57,6% ($n = 19$).

Os participantes ‘no activo’ representam 63,6% ($n = 21$) e os ‘não activo’ representam 36,4% ($n = 12$). Sendo que se dividem em ocupações, nomeadamente, os trabalhadores por conta própria representam 6,1% ($n = 2$), os trabalhadores por conta de outrem representam 51,5% ($n = 17$), os desempregados representam 6,1% ($n = 2$), os reformados representam 9% ($n = 3$), as domésticas representam 3% ($n = 1$), e os estudantes representam 24,2% ($n = 8$).

Os participantes residem na cidade de Câmara de Lobos, na freguesia do Jardim da Serra representam 3% ($n = 1$), na cidade do Funchal, nas freguesias do Imaculado Coração de Maria representam 3% ($n = 1$), de Santa Luzia representam 9.1% ($n = 3$), de Santa Maria Maior representam 15.2% ($n = 5$), de Santo António representam 9.1% ($n = 3$), de São Gonçalo representam 3% ($n = 1$), de São Martinho representam 21.2% ($n = 7$),

de São Pedro representam 15.2% ($n = 5$) e de São Roque representam 3% ($n = 1$), na cidade de Machico, na freguesia do Porto da Cruz representam 3% ($n = 1$), na cidade do Porto Moniz, na freguesia do Porto Moniz representam 3% ($n = 1$), na cidade de Santa Cruz, na freguesia do Caniço representam 6.1% ($n = 2$), na cidade de São Vicente, na freguesia de São Vicente representam 3% ($n = 1$) e na cidade do Porto Santo, na freguesia do Porto Santo representam 3% ($n = 1$).

O habitat (neste estudo, habitantes por freguesia) com menos de 2000, representam 3% ($n = 1$), de 2000 a 9999, representam 45,5% ($n = 15$), e de 10000 a 99999 representam 51,5% ($n = 17$).

No que diz respeito à dimensão dos agregados familiares, os agregados com 1 pessoa representam 6,1% ($n = 2$), com 2 pessoas representam 39,4% ($n = 13$), com 3 pessoas representam 33,3% ($n = 11$), com 4 pessoas representam 18,2% ($n = 6$), e com 5 pessoas representam 3% ($n = 1$) do total.

Relativamente ao estado civil, os solteiros representam 48,5% ($n = 16$), os divorciados / separados representam 18,2% ($n = 6$), e os casados / união de facto representam 33,3% ($n = 11$).

Características da habitação e mobilidade. Os participantes que habitam em casas ou apartamentos com elevador representam 39.4% ($n = 13$) e os participantes que não têm elevador 60.6% ($n = 20$).

Nenhum dos participantes tem aquecimento ou ar condicionado em casa.

No que se refere a painéis solares, a maioria dos participantes 90.9% ($n = 30$), não tem painéis solares instalados, destes 13.3% ($n = 4$) têm planos para instalá-los no próximo ano, 73.3% não têm planos para instalá-los e 13.3% não sabe. Os participantes

que têm painéis solares instalados representam 9.1% ($n = 3$), sendo que 1 foi instalado no último ano e 2 há mais tempo.

Os participantes que têm 1 frigorífico em casa representam 84.4% ($n = 28$) e os que têm 2 frigoríficos representam 15.2% ($n = 5$).

Os participantes que possuem pelo menos um automóvel representam 84.8% ($n = 28$). Sendo que destes últimos 39.3% ($n = 11$) têm um automóvel, 46.4% ($n = 13$) têm dois automóveis e 14.3% ($n = 4$) têm três automóveis. Os 33 participantes neste estudo têm no seu agregado familiar um total de 49 automóveis, sendo que 63.3% ($n = 31$) são a gasolina e 36.7% ($n = 18$) a gasóleo.

Os participantes percorrem, na deslocação para o trabalho / escola, em média 7.96 quilómetros ($DP = 8.46$).

Instrumento

O questionário (ver apêndice) é constituído por um conjunto de 114 questões, sendo 86 questões dedicadas à avaliação de um conjunto de variáveis identificadas como relevantes para a avaliação dos comportamentos de sustentabilidade e atitudes associadas (nomeadamente, atitudes e participação pública, comportamentos ambientais e de consumo, mobilidade, preocupações ambientais e socioeconómicas, consumo de energia e de água, reciclagem, critérios e decisões de compra, meios de transporte). O questionário é também composto por 28 questões que incluem a avaliação do perfil sociodemográfico da amostra, incluindo elementos considerados relevantes para a avaliação do carácter sustentável dos comportamentos individuais.

As questões do questionário são de diferentes tipos de escala de resposta. As questões de caracterização sociodemográfica, habitação e automóvel são de resposta categorial (Sim/Não ou escolha múltipla). Além destas, as questões para avaliar os

comportamentos têm maioritariamente uma escala de frequência tipo Likert de 5 pontos (1 = Nunca a 5 = Sempre; 9 = Não se aplica). Na medição das atitudes e preocupações socioeconómicas e ambientais, foi utilizada uma escala de Likert de 5 pontos (1 = Discordo totalmente a 5 = Concordo totalmente).

Procedimento

Os participantes foram abordados em sua casa, nos locais de trabalho e na rua. Era proposta a participação no estudo e entregue o consentimento informado, esclarecido e livre para a participação em estudos de investigação, a qual, após revisão pelos participantes, sendo aceite, era assinada. Seguidamente era selecionado um local com um ambiente calmo e sem distrações para a realização da entrevista para resposta ao questionário. Nos casos em que os participantes não eram entrevistados imediatamente, era combinado o local e hora para posterior realização da entrevista. A entrevista teve uma duração de cerca de 25 minutos.

Capítulo 3 - Resultados

Seguindo o mesmo procedimento que o utilizado pelo Observatório do Consumo Consciente em Portugal Continental (Loureiro, Rousseau Rosa & Gomes, 2017), foram criados 5 índices para avaliar a relação entre as atitudes ambientais e vários tipos de comportamentos ambientais (ver Apêndice I para comparação de resultados da Região Autónoma da Madeira com Portugal continental).

O índice das atitudes e preocupações ambientais ($M = 4.30$; $DP = .67$) foi composto pelas médias dos itens ‘Estou preocupado(a) com os problemas ambientais’, ‘Estou preocupado(a) com as alterações climáticas’, ‘Os problemas ambientais vão ter impacto na minha vida’, ‘Como sociedade, precisamos de reduzir muito os níveis de consumo para melhorar o ambiente para as gerações futuras’, ‘Estou disposto a pagar

mais por um produto com menos impacto ambiental ou a pagar uma taxa’, e ‘Os seres humanos formam parte do ecossistema da mesma forma que os outros animais’. O alpha de Cronbach para os seis itens do índice de atitudes e preocupações ambientais é .83. A média demonstra que os residentes da RAM estão muito preocupados com as questões ambientais.

O índice de comportamentos de poupança ($M = 4.29$; $DP = .66$) foi composto pelas médias dos itens ‘Desliguei as luzes ao sair das salas’, ‘Desliguei o carregador do telemóvel quando não estava a utilizá-lo’, ‘Liguei a máquina de lavar roupa só quando estava cheia’, ‘Lavei a roupa na máquina a baixas temperaturas’, ‘Aproveitei restos de comida’, e ‘Desliguei a água durante o duche’. O alpha de Cronbach para os seis itens do índice de comportamentos de poupança é .55. A média revela que os residentes da RAM demonstram muitos comportamentos de poupança.

O índice de comportamentos pró-ambientais ($M = 3.85$; $DP = 1.12$) foi composto pelas médias dos itens ‘Separei o vidro para reciclagem’, ‘Separei as embalagens para reciclagem’, ‘Separei o papel para reciclagem’, ‘Reutilizei papel’, ‘Separei as pilhas para reciclagem’, ‘Reutilizei sacos para ir às compras’, ‘Verifico, nas etiquetas, a origem dos produtos que compro’, ‘Entrego pequenos electrodomésticos para reciclar’, e ‘Entrego grandes electrodomésticos para reciclar’. O alpha de Cronbach para os nove itens do índice de comportamentos pró ambientais é .78. A média revela que os residentes da RAM realizam bastantes comportamentos pró-ambientais.

O índice de comportamentos de consumo ($M = 3.83$; $DP = .75$) foi composto pelas médias dos itens ‘Comprei detergentes não poluentes, embora sejam mais caros’, ‘Comprei comida biológica’, ‘Consumi frutas e legumes da época’, ‘Compro lâmpadas de baixo consumo energético’, ‘Compro electrodomésticos de baixo consumo energético (por ex: “energy star”; “classe A+”, etc.)’, e ‘Prefiro reparar uma coisa em vez de

substituir por uma nova'. O alpha de Cronbach para os seis itens do índice de comportamentos de consumo é .71. A média revela que os residentes da RAM demonstram bastantes comportamentos de consumo pró-ambiental.

O índice de comportamentos de mobilidade ($M = 2.24$; $DP = .98$), foi composto pelas médias dos itens 'Usei transportes públicos nas deslocações diárias', 'Apanhei boleia/partilhei viatura nas deslocações diárias', 'Andei a pé nas minhas deslocações diárias', 'Utilizei a bicicleta nas minhas deslocações diárias', 'Fiz a pé (ou de bicicleta) trajectos curtos (ex: na zona de residência)'. O alpha de Cronbach para os cinco itens do índice de comportamentos de mobilidade é de .61. A média revela que os residentes da RAM demonstram poucos comportamentos de mobilidade pró-ambiental.

Foram analisadas as correlações entre os cinco índices (ver Tabela1). Verificamos que as atitudes e preocupações ambientais estão associadas aos comportamentos pró-ambientais e aos comportamentos de poupança. Observa-se também que os comportamentos de consumo estão associados aos comportamentos de poupança e negativamente associados aos comportamentos de mobilidade.

Tabela 1.

Coefficientes de correlação de Pearson inter-índices

Índices	Atitudes e preocupações ambientais	Comportamentos de poupança	Comportamentos pró-ambientais	Comportamentos de consumo
Atitudes e preocupações ambientais	--			
Comportamentos de poupança	.184	--		
Comportamentos pró ambientais	.436*	.419*	--	
Comportamentos de consumo	.135	.511**	.268	--

Comportamentos de mobilidade	-.234	-.099	-.151	-.478**
------------------------------	-------	-------	-------	---------

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, two tailed. $N = 33$.

Foi calculada a regressão linear simples para prever os diferentes tipos de comportamentos ambientais com base nas atitudes e preocupações ambientais. Apenas se verifica um efeito preditor das atitudes sobre os comportamentos pró-ambientais (e.g. reciclagem de papel) ($F(1,31) = 7.27$, $p < .05$), com as atitudes a explicar 16% da variância destes comportamentos, $\beta = .44$, $t = 2.7$ $p = .01$, R^{2aj} de .164. Os restantes índices não apresentaram regressões significativas (ver Tabela 2).

Tabela 2.

Análise de regressão simples para o efeito preditor das atitudes e preocupações ambientais nos índices comportamentais.

	R^2Adj	R^2	F	B	$SE\ B$	t	β
Comportamentos Poupança	.003	.034	1.087	.181	.174	1.043	.184
Comportamentos Pró-ambientais	.164*	.190	7.266	.727	.270	2.696	.436
Comportamentos de Consumo	-.013	.018	.574	.150	.198	.758	.135
Comportamentos de Mobilidade	.024	.055	1.799	-.340	.254	-1.341	-.234

Nota: * $p < .05$, two-tailed. $N = 33$

Seguidamente, analisaram-se os índices de atitudes e comportamentos ambientais por género e por idades (menos de 39 e mais de 40). Não foram verificadas diferenças significativas em nenhum dos índices analisados, no que se refere ao género (ver Tabela 3, Tabela 4, Tabela 5, Tabela 6 e Tabela 7).

Tabela 3.

Crosstabs entre sexo e o Índice de Atitudes e Preocupações Ambientais.

Sexo		Índice de Atitudes e Preocupações Ambientais						χ^2	P
		2.0	3.0	3.5	4.0	4.5	5.0		
Masculino	%(F)	6.3(1)			56.3(9)	12.5(2)	25.0(4)	5.135	.400
Feminino	%(F)		5.9(1)	5.9(1)	29.4(5)	17.6(3)	41.2(7)		

Nota. Masculino (n = 16), Feminino (n = 17), N = 33

Tabela 4.

Crosstabs entre sexo e o Índice de Comportamentos de Poupança.

Sexo		Índice de Comportamentos de Poupança					χ^2	P
		3.0	3.5	4.0	4.5	5.0		
Masculino	%(F)	18.8(3)	6.3(1)	25(4)	18.8(3)	31.3(5)	1.972	.741
Feminino	%(F)	5.9(1)	5.9(1)	23.5(4)	35.3(6)	29.4(5)		

Nota. Masculino (n = 16), Feminino (n = 17), N = 33

Tabela 5.

Crosstabs entre sexo e o Índice de Comportamentos Pró-ambientais.

Sexo		Índice de Comportamentos Pró Ambientais					χ^2	P
		1.0	2.0	3.0	4.0	5.0		
Masculino	%(F)		18.8(3)	31.3(5)	25.0(4)	25.0(4)	5.920	.205
Feminino	%(F)	5.9(1)		17.6(3)	29.4(5)	47.1(8)		

Nota. Masculino (n = 16), Feminino (n = 17), N = 33

Tabela 6.

Crosstabs entre sexo e o Índice de Comportamentos de Consumo.

Sexo		Índice de Comportamentos de Consumo				
------	--	-------------------------------------	--	--	--	--

	2.0	3.0	3.5	4.0	4.5	5.0	χ^2	p
Masculino %(F)	6.3(1)	31.3(5)	6.3(1)	18.8(3)	12.5(2)	25.0(4)	7.610	.179
Feminino %(F)		17.6(3)	17.6(3)	52.9(9)	5.9(1)	5.9(1)		

Nota. Masculino ($n = 16$), Feminino ($n = 17$), $N = 33$

Tabela 7.

Crosstabs entre sexo e o Índice de Comportamentos de Mobilidade.

Sexo	Índice de Comportamentos de Mobilidade						χ^2	P
	1.0	2.0	2.5	3.0	3.5	4.0		
Masculino %(F)	31.3(5)	31.3(5)	6.3(1)	25.0(4)		6.3(1)	2.528	.772
Feminino %(F)	23.5(4)	29.4(5)		29.4(5)	5.9(1)	11.8(2)		

Nota. Masculino ($n = 16$), Feminino ($n = 17$), $N = 33$

Quanto à idade, observa-se que há uma tendência (ver Tabela 9) para os mais velhos terem mais comportamentos de poupança e verifica-se ainda que os mais velhos demonstram significativamente mais comportamentos pró-ambientais que os mais novos, $\chi^2(4, N = 33) = 12.15, p < .05$ (ver Tabela 10). Nos restantes índices não se observam diferenças significativas (ver Tabela 8, Tabela 11 e Tabela 12).

Tabela 8.

Crosstabs entre Idade e o Índice de Atitudes e Preocupações Ambientais.

Idade	Índice de Atitudes e Preocupações Ambientais						χ^2	P
	2.0	3.0	3.5	4.0	4.5	5.0		
39 e menos %(F)		5.9(1)		47.1(8)	5.9(1)	41.2(7)	5.879	.318
40 e mais %(F)	6.3(1)		6.3(1)	37.5(6)	25.0(4)	25.0(4)		

Nota. 39 e menos ($n = 17$), 40 e mais ($n = 16$), $N = 33$

Tabela 9.

Crosstabs entre Idade e o Índice de Comportamentos de Poupança.

Idade		Índice de Comportamentos de Poupança					χ^2	P
		3.0	3.5	4.0	4.5	5.0		
39 e menos	%(F)	23.5(4)	5.9(1)	35.3(6)	17.6(3)	17.6(3)	8.578	.073
40 e mais	%(F)		6.3(1)	12.5(2)	37.5(6)	43.8(7)		

Nota. 39 e menos ($n = 17$), 40 e mais ($n = 16$), $N = 33$

Tabela 10.

Crosstabs entre Idade e o Índice de Comportamentos Pró Ambientais.

Idade		Índice de Comportamentos Pró Ambientais					χ^2	P
		1.0	2.0	3.0	4.0	5.0		
39 e menos	%(F)		11.8(2)	41.2(7)	35.3(6)	11.8(2)	12.148	.016*
40 e mais	%(F)	6.3(1)	6.3(1)	6.3(1)	18.8(3)	62.5(10)		

Nota. * $p < .05$, two tailed. 39 e menos ($n = 17$), 40 e mais ($n = 16$), $N = 33$

Tabela 11.

Crosstabs entre Idade e o Índice de Comportamentos de Consumo.

Idade		Índice de Comportamentos de Consumo						χ^2	p
		2.0	3.0	3.5	4.0	4.5	5.0		
39 e menos	%(F)	5.9(1)	29.4(5)	5.9(1)	41.2(7)	11.8(2)	5.9(1)	4.941	.423
40 e mais	%(F)		18.8(3)	18.8(3)	31.3(5)	6.3(1)	25.0(4)		

Nota. 39 e menos ($n = 17$), 40 e mais ($n = 16$), $N = 33$

Não foi incluído o item ‘usei o meu automóvel nas deslocações diárias’, no índice de Comportamentos de Mobilidade, por baixar o alfa de Cronbach para um nível não explicativo, sendo que a média para este item foi alta ($M = 4.38$, $DP = .82$), confirmando a tendência verificada pelo índice, de comportamentos de mobilidade mais poluentes.

Tabela 12.

Crosstabs entre Idade e o Índice de Comportamentos de Mobilidade

Idade		Índice de Comportamentos de Mobilidade						χ^2	p
		1.0	2.0	2.5	3.0	3.5	4.0		
39 e menos	%(F)	29.4(5)	29.4(5)		23.5(4)	5.9(1)	11.8(2)	2.528	.772
40 e mais	%(F)	25(4)	31.3(5)	6.3(1)	31.3(5)		6.3(1)		

Nota. 39 e menos ($n = 17$), 40 e mais ($n = 16$), $N = 33$

Capítulo 4 - Discussão

Este estudo exploratório teve como objetivo estudar a relação entre os níveis de atitudes e preocupações ambientais e os comportamentos sustentáveis na Região Autónoma da Madeira (RAM).

No que toca às diferenças por idades, era esperado que as pessoas com mais idade reportassem que praticam mais comportamentos pró-ambientais do que os mais jovens (Gilg, Barr, & Ford, 2005; Pinto, Nique, Añaña, & Herter, 2011; Swami, Chamorro-Premuzic, Snelgar, & Furnham, 2011), e que as pessoas mais novas reportassem ser mais preocupadas com o ambiente do que as pessoas com mais idade,

pelo menos no caso do ambiente em geral (Arcury & Christianson, 1993; Honnold, 1984–85; Klineberg et al., 1998; Zhang, 1993). Os resultados no contexto da RAM, confirmaram as expectativas, num dos pontos acima referidos, verificando-se que as pessoas mais velhas reportaram significativamente mais comportamentos pró-ambientais, não se verificando diferenças significativas no reportar de preocupações ambientais entre mais novos e mais velhos, bem como nos restantes indicadores.

As diferenças encontradas neste estudo exploratório, entre os comportamentos esperados e os que foram relatados, podem dever-se ao tamanho relativamente pequeno da amostra. Uma possível continuação deste estudo, com um aumento da amostra deverá revelar, com mais confiança, resultados mais perto da realidade, sejam eles diferentes ou semelhantes aos obtidos neste estudo.

Relativamente às diferenças entre géneros, era esperado que as mulheres reportassem atitudes, comportamentos e preocupações ambientais mais fortes do que os homens (Blocker & Eckberg, 1997; Gutteling & Wiegman, 1993; Luchs & Mooradian, 2012; Scannell & Gifford, 2013; Tikka et al., 2000; Zhang, 1993). E que essa diferença de atitudes e comportamentos entre géneros fosse mais forte para os comportamentos do que para as atitudes pró-ambientais (Zelezny, Chua, & Aldrich, 2000). No contexto da RAM, não se verificaram nenhum dos resultados esperados, com base na literatura anterior, não havendo nenhuma diferença significativa entre homens e mulheres.

Uma possível explicação para estes resultados, foi proposta por Davidson e Freudenburg (1996), quando referem que se as diferenças nas atitudes e comportamentos ambientais forem causadas por normas socioculturais e socialização, provavelmente variam de acordo com a cultura. Num estudo, A. Eisler, H. Eisler e M. Yoshida (2003) encontraram apenas diferenças significativas entre os géneros no comportamento pró-ambiental auto-relatado na sua amostra japonesa, enquanto nenhuma diferença foi

encontrada na Alemanha, Suécia e Estados Unidos. Além disso, na Alemanha, também não foram encontradas diferenças de género para as atitudes ambientais. Eisler et al. (2003), parecem comprovar esta assunção de que as diferenças nos comportamentos e atitudes pró-ambientais observadas em estudos anteriores variam de acordo com a cultura, não sendo, portanto, universais.

De modo a contextualizar os resultados deste estudo é relevante comparar os dados dos residentes na Região Autónoma da Madeira (RAM) com os dados recolhidos pelo Observatório do Consumo Consciente nos anos de 2016 e 2017 (Loureiro, Rosa, Rousseau & Gomes, 2017) com residentes em Portugal continental (PTc).

Verifica-se (ver Tabela no Apêndice I para comparação de médias e desvios padrão entre RAM e PTc) que as pessoas que residem na RAM reportam maior preocupação com as alterações climáticas e com os problemas ambientais do que com a situação económica, sendo esta última ainda alta, enquanto que em PTc a preocupação com a situação económica tem prioridade face às alterações climáticas e aos problemas ambientais. Os madeirenses revelam uma maior crença de que os problemas ambientais terão um impacto na sua vida do que os residentes em PTc, e consequentemente que estão mais dispostos a agir, reportando que estão mais dispostos a reduzir os níveis de consumo, bem como a pagar mais por um produto ou a pagar uma taxa para ter produtos com menos impacto ambiental do que os residentes de PTc. As pessoas da RAM reportam uma menor crença da sua incapacidade de resolver os problemas ambientais, assim como uma menor crença de que algum desenvolvimento tecnológico proporcionará uma solução a estes problemas. Os madeirenses sentem uma maior pressão social para serem mais responsáveis para com o ambiente do que os de PTc. Revelam ainda ter valores centrados na natureza, e um pouco menores na apreciação da natureza pelo seu valor intrínseco, quando comparados com os de PTc.

A preocupação ambiental é maior nas pessoas com mais idade, tanto na RAM como em PTc. A população madeirense de todas as idades revela ter uma percepção alta do impacto dos problemas ambientais na sua vida, enquanto que em PTc são os mais novos (até aos 54 anos) que revelam uma maior percepção.

Quanto aos indicadores de comportamentos de consumo e com impacto ambiental, foram verificadas algumas diferenças entre PTc e a RAM, sendo que os madeirenses reportaram ter níveis mais altos nos indicadores de comportamentos de poupança de energia (e.g., ‘deixei a porta do frigorífico aberta...’, ‘desliguei as luzes ao sair das salas’, ‘compro electrodomésticos de baixo consumo’) – apenas menor no item ‘desliguei o carregador do telemóvel quando não estava a utiliza-lo’, de poupança de água (e.g., ‘desliguei a água enquanto lavava os dentes’), de separação de resíduos para reciclagem e reutilização (e.g., ‘reutilizei papel’, ‘reutilizei sacos para ir às compras’, bem como comportamentos associados aos hábitos de consumo e uso de recursos (e.g., ‘aceitei sacos para embalar as compras’, ‘prefiro reparar uma coisa em vez de substituir...’).

Neste estudo exploratório das atitudes e comportamentos ambientalmente responsáveis dos residentes na RAM, podemos salientar que se verificaram níveis altos de (a) atitudes e preocupações ambientais. Os resultados indicam ainda que os residentes da RAM são coerentes com as suas preocupações, demonstrando também níveis altos de (b) comportamentos de poupança energética, (c) comportamentos de consumo não poluentes e de (d) comportamentos pró-ambientais (maioritariamente de reciclagem). Relativamente aos comportamentos de reciclagem, de acordo com o reportado verbalmente pelos residentes, poderiam ser maiores se a rede de recolha de materiais reciclados na região fosse mais abrangente. A tendência para maior relato de comportamentos sustentáveis na Madeira, apenas não se verifica nos (e) comportamentos de mobilidade, denotando ainda um longo caminho a percorrer até haver uma redução do

uso do automóvel como meio de transporte principal ou até uma mudança para automóveis menos poluentes (e.g., automóveis elétricos - se bem que estes, sendo reconhecidamente menos poluentes que os veículos de combustão, suscitam a questão mais complexa de como e quão eficientemente é produzida a energia elétrica que o alimenta, bem como o nível de emissões na produção destes veículos). Uma possível explicação para este último ponto é que a orografia da ilha marcada por declives acentuados na maior parte do território da RAM não é propícia a comportamentos de mobilidade pró-ambientais como andar a pé ou de bicicleta.

Deve-se referir que os questionários ou outras formas de recolha de dados por auto-relato, ao invés do comportamento observado, abrem as portas a algum enviesamento da realidade como, por exemplo, “ser favorável ao meio ambiente é amplamente aceite, o comportamento relatado pode refletir a desejabilidade social como um viés, ou relatos que são sinceros, mas erróneos por falhas de memória. Uma meta-análise recente descobriu que a correlação entre intenções de comportamento (um tipo de auto-relato) e comportamento real era 0,45, significando que a sobreposição entre intenções e ação real é de cerca de 20%” (Kormos & Gifford, 2014).

É necessário continuar a analisar a evolução das atitudes e comportamentos de consumo consciente de modo a avaliar a situação real e corrente da população, bem como examinar o desempenho de políticas e programas pró-ambientais em funcionamento e determinar as necessidades de intervenção para o futuro.

Referências

- Abrahamse, W., Steg, L., Gifford, R., & Vlek, C. (2009). Factors influencing car use and the intention to reduce it: A question of morality? *Transportation Research Part F: Psychology and Behavior*, 12, 317–324.
- Ando, K., Ohnuma, S., Blöbaum, A., Matthies, E., & Sugiura, J. (2010). Determinants of individual and collective proenvironmental behaviors: Comparing Germany and Japan. *Journal of Environmental Information Science*, 38, 21–32.
- Allport, G. W. (1935). Attitudes. In *A handbook of social psychology*, 798-844. Worcester, MA: Clark University Press.
- Arcury, T. A., & Christianson, E. H. (1993). Rural–urban differences in environmental knowledge and actions. *Journal of Environmental Education*, 25, 19–25.
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (1980). *Understanding attitudes and predicting social behavior*. Englewood Cliffs, N.J: Prentice-Hall.
- Balderjahn, I. (1988). Personality variables and environmental attitudes as predictors of ecologically responsible consumption patterns. *Journal of Business Research*, 17, 51–56.
- Beedell, J., & Rehman, T. (2000). Using social–psychology models to understand farmers’ conservation behaviour. *Journal of Rural Studies*, 16, 117–127.
- Beedell, J. D. C., & Rehman, T. (1999). Explaining farmers’ conservation behaviour: Why do farmers behave the way they do? *Journal of Environmental Management*, 57, 165–176.
- Blocker, T. J., & Eckberg, D. L. (1997). Gender and environmentalism: Results from the 1993 General Social Survey. *Social Science Quarterly*, 78, 841–858.

- Boldero, J. (1995). The prediction of household recycling of newspapers: The role of attitudes, intentions, and situational factors. *Journal of Applied Social Psychology, 25*, 440–462.
- Carr, S., & Tait, J. (1991). Differences in the attitudes of farmers and conservationists and their implications. *Journal of Environmental Management, 32*, 281–294.
- Casey, P. J., & Scott, K. (2006). Environmental concern and behaviour in an Australian sample within an ecocentricanthropocentric framework. *Australian Journal of Psychology, 58*, 56–67. doi:10.1080/00049530600730419.
- Cheung, S. F., Chan, D. K. S., & Wong, Z. S. Y. (1999). Reexamining the theory of planned behaviour in understanding wastepaper recycling. *Environmental and Behavior, 31*, 587–612.
- Cialdini, R. B. (2003). The science of persuasion. *Scientific American, 76*-81.
- Cialdini, R. B., Reno, R. R., & Kallgren, C. A. (1990). A focus theory of normative conduct: recycling the concept of norms to reduce littering in public places. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 1015–1026.
- Davidson, D. J., & Freudenburg, W. R. (1996). Gender and environmental risk concerns: A review and analysis of available research. *Environment and Behavior, 28*(3), 302-339.
- <http://dx.doi.org/10.1177/0013916596283003>
- De Groot, J. I. M., & Steg, L. (2009). Morality and prosocial behavior: The role of awareness, responsibility, and norms in the norm activation model. *Journal of Social Psychology, 149*, 425–449.

- De Groot, J. I. M., & Steg, L. (2010). Morality and nuclear energy: Perceptions of risks and benefits, personal norms, and willingness to take action related to nuclear energy. *Risk Analysis*, 30, 1363–1373.
- Dittmar, H. (1992). *The social psychology of material possessions. To have is to be*. London: Harvester Wheatsheaf.
- Eiser, J. R., Hannover, B., Mann, L., Morin, M., van der Pligt, J., & Webley, P. (1990). Nuclear attitudes after Chernobyl: A cross-national study. *Journal of Environmental Psychology*, 10, 101–110.
- Eisler, A. D., Eisler, H. & Yoshida, M. (2003). Perception of human ecology: Cross-cultural and gender comparisons. *Journal of Environmental Psychology*. 23. 89-101. doi: 10.1016/S0272-4944(02)00083-X.
- Eriksson, L., Garvill, J., Nordlund, A.M. (2006). Acceptability of travel demand management measures: The importance of problem awareness, personal norm, freedom, and fairness. *Journal of Environmental Psychology*, 26, 15–26.
- Fang, W.-T., Ng, E., Wang, C.-M., & Hsu, M.-L. (2017). Normative beliefs, attitudes, and social norms: People reduce waste as an index of social relationships when spending leisure time. *Sustainability*, 9(10), 1696. doi:10.3390/su9101696
- Feinberg, M., & Willer, R. (2012). The moral roots of environmental attitudes. *Psychological Science*, 24, 56–62. doi:10.1177/0956797612449177.
- Fielding, K. S., & Head, B. W. (2012). Determinants of young Australians' environmental actions: The role of responsibility attributions, locus of control, knowledge and attitudes. *Environmental Education Research*, 18, 171–186. doi:10.1080/13504622.2011.592936.

- Fielding, K. S., McDonald, R., & Louis, W. R. (2008). Theory of planned behaviour, identity and intentions to engage in environmental activism. *Journal of Environmental Psychology*, 28(4), 318-326.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jenvp.2008.03.003>
- Fielding, K. S., Terry, D. J., Masser, B., & Hogg, M. A. (2005). Explaining landholders' decisions about riparian zone management: The role of attitudinal, normative, and control beliefs. *Journal of Environmental Management*, 77, 12–21.
- Fielding, K. S., Terry, D. J., Masser, B., & Hogg, M. A. (2008). Integrating social identity theory and the theory of planned behaviour to explain decisions to engage in sustainable agricultural practices. *British Journal of Social Psychology*, 47, 23–48.
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, attitude, intention, and behavior: An introduction to theory and research*. Reading, Mass: Addison-Wesley Pub. Co.
- Gambro, J. S., & Switzky, H. N. (1999). Variables associated with American high school students' knowledge of environmental issues relates to energy and pollution. *Journal of Environmental Education*, 30(2), 15–22.
- Gifford, R. (1982). Children and the commons dilemma. *Journal of Applied Social Psychology*, 12, 269–280.
- Gifford, R., Hay, R., & Boros, K. (1982–83). Individual differences in environmental attitudes. *Journal of Environmental Education*, 14(2), 19–23.
- Gifford, R., & Sussman, R. (2012). Environmental Attitudes. In Clayton, S. D. (Ed.). *The Oxford Handbook of Environmental and Conservation Psychology*. New York, NY: Oxford University Press.

- Gifford, R. & Nilsson, A. (2014) Personal and Social Factors That Influence Pro-Environmental Concern and Behavior: A Review. *International Journal of Psychology*, 49, 141-157. <https://doi.org/10.1002/ijop.12034>
- Gilg, A., Barr, S., & Ford, N. (2005). Green consumption or sustainable lifestyles? Identifying the sustainable consumer. *Futures*, 37, 481–504.
[doi:10.1016/j.futures.2004.10.016](https://doi.org/10.1016/j.futures.2004.10.016).
- Grendstad, G., & Wollebaek, D. (1998). Greener still? An empirical examination of Eckersley's ecocentric approach. *Environment and Behavior*, 50, 653–675.
- Gutteling, J. M., & Wiegman, O. (1993). Gender-specific reactions to environmental hazards in the Netherlands. *Sex Roles*, 28, 433–447.
- Harland, P., Staats, H., & Wilke, H. A. M. (1999). Explaining proenvironmental intention and behaviour by personal norms and the theory of planned behaviour. *Journal of Applied Social Psychology*, 29, 2505–2528.
- Heath, Y., & Gifford, R. (2006). Free-market ideology and environmental degradation. *Environment and Behavior*, 38, 48–71.
- Hine, D. W., & Gifford, R. (1991). Fear appeals, individual differences, and environmental concern. *Journal of Environmental Education*, 23(1), 36–41.
- Honnold, J. A. (1984–85). Age and environmental concern: Some specification of effects. *Journal of Environmental Education*, 16(1), 4–9.
- Howard, G. S., Delgado, E., Miller, D., & Gubbins, S. (1993). Transforming values into actions: Ecological preservation through energy conservation. *Counselling Psychologist*, 21, 582–596.

- Howes, Y., & Gifford, R. (2009). Stable or dynamic value importance?: The interaction between value endorsement level and situational differences on decision-making in environmental issues. *Environment and Behavior*, 41, 549–582.
- Hsu, S. J., & Rothe, R. E. (1996). An assessment of environmental knowledge and attitudes held by community leaders in the Hualien area of Taiwan. *Journal of Environmental Education*, 28(1), 24–31.
- Inglehart, R. (1997). *Modernization and post-modernization: Cultural, economic and political change in 43 societies*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Jansson, J., Marell, A., Nordlund, A. (2011). Exploring consumer adoption of a high involvement eco-innovation using value-belief-norm theory. *Journal of Consumer Behavior*, 10, 51–60.
- Kantola, S. J., Syme, G. J., & Campbell, N. A. (1982). The role of individual differences and external variables in a test of the sufficiency of Fishbein's model to explain behavioural intentions to conserve water. *Journal of Applied Social Psychology*, 12, 70–83.
- Katz, D., & Stotland, E. (1959). A Preliminary Statement to a Theory of Attitude Structure and Change. In S. Koch (Ed.), *Psychology: A study of a science* (vol.3). 423-475. New York: McGraw-Hill.
- Kemmelmeier, M., Król, G., & Young, H. K. (2002). Values, economics, and proenvironmental attitudes in 22 societies. *Cross-Cultural Research: The Journal of Comparative Social Science*, 36, 256–285.

- Kilbourne, W. E., Beckmann, S. C., & Thelen, E. (2002). The role of the dominant social paradigm in environmental attitudes: A multinational examination. *Journal of Business Research*, 55, 193–204.
- Klineberg, S. L., McKeever, M., & Rothenbach, B. (1998). Demographic predictors of environmental concern: It does make a difference how it's measured. *Social Science Quarterly*, 79, 734–753.
- Laidley, T. M. (2011). The influence of social class and cultural variables on environmental behaviors: Municipal-level evidence from Massachusetts. *Environment and Behavior*, 45, 170-197. doi:10.1177/0013916511416647.
- Levine, D. S., & Strube, M. J. (2012). Environmental attitudes, knowledge, intentions and behaviors among college students. *Journal of Social Psychology*, 152, 308–326.
- Lima, M. L., & Castro, P. (2005). Cultural theory meets the community: Worldviews and local issues. *Journal of Environmental Psychology*, 25, 23–35.
- Loureiro, A. (2011). Porque poupamos energia? Altruísmo, ambientalismo e contexto na explicação do comportamento de poupança de energia (Tese de Doutoramento). ULHT, Lisboa. Retirado de <http://hdl.handle.net/10071/2836>
- Loureiro, A., Rousseau, J., Rosa, C., & Gomes, A. (2017). *Observatório do Consumo Consciente: Relatório 2015-2016*. Fórum do Consumo.
- Luchs, M., & Mooradian, T. (2012). Sex, personality, and sustainable consumer behaviour: Elucidating the gender effect. *Journal of Consumer Policy*, 35, 127–144. doi:10.1007/s10603-011-9179-0.

- Matthies, E., Selge, S., & Klöckner, C. A. (2012). The role of parental behaviour for the development of behaviour specific environmental norms—The example of recycling and reuse behaviour. *Journal of Environmental Psychology*, 32, 277–284.
- McKnight, M. D. (1991). Socialization into environmentalism: Development of attitudes toward the environment and technology. *Dissertation Abstracts International*, 52(1-A), 301.
- McCright, A. M., & Dunlap, R. E. (2012). Bringing ideology in: The conservative white male effect on worry about environmental problems in the USA. *Journal of Risk Research*, 16, 211–226. doi:10.1080/13669877.2012.726242.
- Oreg, S., Katz-Gerro, T. (2006). Predicting proenvironmental behavior cross-nationally values, the theory of planned behavior, and value-belief-norm theory. *Environment and Behavior*, 38, 462–483.
- Ostman, R. E., & Parker, J. L. (1987). Impact of education, age, newspapers, and television on environmental knowledge, concerns and behaviors. *Journal of Environmental Education*, 19(1), 3–9.
- Pinto, D. C., Nique, W. M., Añaña, E. d. S., & Herter, M. M. (2011). Green consumer values: How do personal values influence environmentally responsible water consumption? *International Journal of Consumer Studies*, 35(2), 122–131. doi:10.1111/j.1470-6431.2010.00962.x.
- Poortinga, W., Steg, L., & Vlek, C. (2003). Myths of nature and environmental management strategies. A field study on energy reductions in traffic and transport. In G. Moser, E. Pol, Y. Bernard, M. Bonnes, & J. Corraliza (Eds.), *People, places, and sustainability*, 280–290. Ashland, OH: Hogrefe & Huber.

- Reno, R. R., Cialdini, R. B., & Kallgren, C. A. (1993). The transsituational influence of social norms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64(1), 104-112.
<http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.64.1.104>
- Rosenberg, M. J., & Hovland, C. I. (1960). Cognitive, affective and behavioral components of attitudes. In M. J. Rosenberg, & C. I. Hovland (Eds.), *Attitude organization and change: An analysis of consistency among attitude components*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Scannell, L., & Gifford, R. (2013). The role of place attachment in receptivity to local and global climate change messages. *Environment and Behavior*, 45, 60–85.
- Schwartz, S. H. (1977). Normative influences on altruism. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology*, 10, 221–279. New York: Academic Press.
- Schultz, P. W., Khazian, A., & Zelezny, A. (2008). Using normative social influence to promote conservation among hotel guests. *Social Influence*, 3, 4–23.
[doi:10.1080/15534510701755614](https://doi.org/10.1080/15534510701755614).
- Schultz, P.W., Nolan, J. M., Cialdini, R. B., Goldstein, N. J., & Griskevicius, V. (2007). The constructive, destructive, and reconstructive power of social norms. *Psychological Science*, 18, 429–434.
- Schultz, P. W., & Stone, W. F. (1994). Authoritarianism and attitudes toward the environment. *Environment and Behavior*, 26, 25–37.
- Schweper, C. H., & Cornwell, T. B. (1991). An examination of ecologically concerned consumers and their intention to purchase ecologically packaged products. *Journal of Public Policy and Marketing*, 10(2), 77–101.

Stern, P.C. (2000). Towards a coherent theory of environmentally significant behavior. *Journal of Social Issues*, 56, 407-424.

Stern, P.C.; Dietz, T.; Abel, T.D.; Guagnano, G.A.; Kalof, L. (1999). A value-belief-norm theory of support for social movements: The case of environmentalism. *Human Ecology Review*, 6, 81–97.

Swami, V., Chamorro-Premuzic, T., Snelgar, R., & Furnham, A. (2011). Personality, individual differences, and demographic antecedents of self-reported household waste management behaviours. *Journal of Environmental Psychology*, 31, 21–26. doi:10.1016/j.jenvp.2010.08.001.

Swim, J. K., Clayton, S., & Howard, G. S. (2011). Human behavioral contributions to climate change: Psychological and contextual drivers. *American Psychologist*, 66(4), 251-264. <http://dx.doi.org/10.1037/a0023472>

Synodinos, N. E. (1990). Environmental attitudes and knowledge: A comparison of marketing and business students with other groups. *Journal of Business Research*, 20, 161–170.

Taylor, S., & Todd, P. (1995). An integrated model of waste management behaviour: A test of household recycling and composting intentions. *Environment and Behavior*, 27(5), 603–630.

Tikka, P. M., Kuitnen, M. T., & Tynys, S. M. (2000). Effects of educational background on students' attitudes, activity levels, and knowledge concerning the environment. *Journal of Environmental Education*, 31(3), 12–19.

Triandis, H. (1995). *Individualism and collectivism*. Boulder, CO: Westview Press.

- Vlek, C., & Steg, L. (2007). Human behavior and environmental sustainability: Problems, driving forces, and research topics. *Journal of Social Issues*, 63, 1-19.
- Wright, S. D., Caserta, M., & Lund, D. A. (2003). Older adults' attitudes, concerns, and support for environmental issues in the 'new west'. *International Journal of Aging & Human Development*, 57, 151–179.
- WWF. (2018, n.d.). Tackling threats that impact the Earth. Retirado de <https://www.worldwildlife.org/threats>
- Zelezny, L. C., Chua, P. P., & Aldrich, C. (2000). Elaborating on gender differences in environmentalism. *Journal of Social Issues*, 56, 443–457.
- Zhang, J. (1993). Environmental hazards in the Chinese public's eyes. *Risk Analysis*, 13, 509–513.

APÊNDICES

Apêndice I – Tabela de médias e desvios padrão nas respostas aos Questionários do Consumo Consciente (QCS): comparação entre a Região Autónoma da Madeira (RAM) e Portugal continental (PTc).

Tabela. Atitudes e preocupações ambientais e socioeconómicas		
Questão	RAM (2018)	PTc (2016)
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
Estou preocupado(a) com os problemas ambientais	4.2 (.8)	4.1 (.8)
Estou preocupado(a) com a situação económica	4.2 (.6)	4.3 (.7)
Estou preocupado(a) com as alterações climáticas	4.3 (.7)	4.1 (.8)
Estou preocupado(a) com o terrorismo	4 (.7)	4 (.9)
Estou preocupado(a) com o aumento da população mundial	3.4 (1.2)	3.3 (1.1)
As pessoas à minha volta encorajam-me a ser mais responsável para com o ambiente	3.7 (1)	3.4 (1)
O desenvolvimento tecnológico vai resolver os problemas ambientais	2.8 (1)	3 (1.1)
Os problemas ambientais são tão grandes que eu pouco posso fazer	2.8 (1.1)	3.3 (1.1)
Os problemas ambientais vão ter um impacto na minha vida	4.3 (.6)	3.9 (.9)
Como sociedade, precisamos de reduzir muito os níveis de consumo para melhorar o ambiente para as gerações futuras	4.5 (.6)	4.2 (.7)
Estou disposto a pagar mais por um produto com menos impacto ambiental ou a pagar uma taxa	3.3 (1.2)	2.6 (1.1)
A natureza tem valor só por si	4.(1.2)	4.2 (.9)
Os seres humanos formam parte do ecossistema da mesma forma que os outros animais	4.3 (.9)	4.1 (.8)

Tabela. Comportamentos de poupança e com impacto ambiental		
Questão	RAM (2018)	PTc (2016)

	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
Utilizei o elevador nas deslocações entre pisos	2.7 (1.5)	3.7 (1.2)
Utilizei as escadas para deslocações curtas entre pisos	4 (1.1)	3.2 (1.2)
Liguei o ar condicionado	2.2 (1.3)	3 (1.1)
Usei os estores para controlar a temperatura	3.6 (1.4)	3.6 (1.3)
Desliguei o computador quando não estava a utilizá-lo	4 (1.3)	4.1 (1.1)
Desliguei as luzes ao sair das salas	4.6 (.6)	4.6 (.8)
Desliguei o carregador do telemóvel quando não estava a utilizá-lo	3.4 (1.6)	4 (1.2)
Desliguei a televisão utilizando o comando	4.5 (1.2)	4 (1.2)
Deixei a porta do frigorífico aberta enquanto estava a usar o pacote de leite (ou outra embalagem)	2.1 (1.1)	2.3 (1.2)
Liguei a máquina de lavar roupa só quando estava cheia	4.5 (.7)	4.4 (.9)
Lavei a roupa na máquina a baixas temperaturas	4.3 (.7)	3.8 (1)
Liguei a máquina de lavar loiça só quando estava cheia	4.7 (.7)	4.3 (1)
Lavei a loiça na máquina a baixas temperaturas	4.5 (.8)	3.5 (1.2)
Desliguei a água enquanto lavava os dentes	4.6 (.6)	3.7 (1.3)
Separei o vidro para reciclagem	4.3 (1.1)	3.4 (1.1)
Separei as embalagens para reciclagem	4 (1.3)	3.3 (1.5)
Separei o papel para reciclagem	4 (1.4)	3.2 (1.6)
Reutilizei papel	3.2 (1.4)	2.5 (1.3)
Separei as pilhas para reciclagem	4 (1.3)	2.9 (1.6)
Reutilizei sacos para ir às compras	4.2 (1)	4.1 (1)
Comprei comida biológica*	2.4 (.9)	3 (1.2)
Comprei comida produzida em Portugal*	3.7 (.7)	
Aproveitei restos de comida	4.1 (.8)	4 (1)
Compro lâmpadas de baixo consumo energético	4.3 (.8)	3.8 (1.2)
Compro electrodomésticos de baixo consumo energético (por ex: “energy star”, “classe A+”, etc.)	4.2 (.8)	3.3 (1.3)

Nota. *estas perguntas estavam juntas na versão (PTc) de 2016 do OCS

Foram instalados há mais tempo.....2 **IR PARA P.4**
NS/NR.....9 **IR PARA P.4**

P.3.3. Tem planos para instalar painéis solares em sua casa no próximo ano? (REGISTAR APENAS UMA RESPOSTA)

Sim 1
Não 2
NS/NR 9

P.4. Quantos frigoríficos e arcas congeladoras tem a sua casa? (REGISTAR O NÚMERO EXATO)

' ____ ' frigoríficos e arcas em casa

P.5. Tem máquina de lavar loiça? (REGISTAR APENAS UMA RESPOSTA)

Sim 1
Não 2

P.6. Tem máquina de lavar roupa? (REGISTAR APENAS UMA RESPOSTA)

Sim 1
Não 2

P.7.1. Trabalha ou estuda num edifício com elevador? (REGISTAR APENAS UMA RESPOSTA)

Sim 1
Não 2
Não trabalha nem estuda 3 **IR PARA**

P.8.1

P.7.2. Trabalha ou estuda num edifício com aquecimento central ou ar condicionado? (REGISTAR APENAS UMA RESPOSTA)

Sim 1
Não 2

P.8.1. Tem automóvel, seja particular ou da empresa? (REGISTAR APENAS UMA RESPOSTA)

Sim 1
Não 2 **IR PARA P.9**

P.8.2. Quantos automóveis tem no agregado? (REGISTAR O NÚMERO EXATO)

' ____ ' automóveis

P.8.3. Qual é a cilindrada do(s) seu(s) automóvel(eis)? (REGISTAR EM CC – FAZER PARA O NÚMERO DE AUTOMÓVEIS REGISTADO NA P.8.2)

	NS/NR
1.	9999
2.	9999
3.	9999
4.	9999
5.	9999
6.	9999

P.8.4. Qual é o tipo de combustível do(s) seu(s) automóvel(eis)? (REGISTAR EM CC – FAZER PARA O NÚMERO DE AUTOMÓVEIS REGISTADO NA P.8.2)

	Veíc. 1 Veíc. 5	Veíc. 2 Veíc. 6	Veíc. 3 Veíc. 6	4
Gasolina..... 1	1	1	1	1
1	1			
Gasóleo 2	2	2	2	2
2	2			

GPL	3	3.....	3	3
3	3			
Eléctrico.....	4	4.....	4	4
4	4			
Híbrido.....	5	5.....	5	5
5	5			
Hidrogénio	6	6.....	6	6
6	6			
NS/NR	9	9.....	9	9
9	9			

P.8.5. Comprou algum automóvel no último ano? **(REGISTAR APENAS UMA RESPOSTA)**

Sim 1
Não 2

P.9. (SE NÃO TRABALHA NEM ESTUDA, SALTAR PARA P.10) Quantos quilómetros de distância percorre entre a sua casa e o seu trabalho / escola (numa só direcção)? **(REGISTAR O NÚMERO EXATO – SE NS/NR, REGISTAR “999”)**

‘ ‘ ‘ ‘ Km

P.10. Vou agora ler-lhe um conjunto de comportamentos do dia-a-dia. Para cada um, e tendo em conta esta escala, gostaria que me dissesse com que frequência os realizou nas últimas duas semanas.

ESCALA:

- 1 – Nunca
- 2 – Raramente
- 3 – Algumas vezes
- 4 – Muitas vezes
- 5 – Sempre
- 9 – Não se aplica

COMPORTAMENTOS	FREQUÊNCIA
(Só se tiver elevador) 1. Utilizei o elevador nas deslocações entre pisos	‘ ‘
(Só se tiver elevador) 2. Utilizei as escadas para deslocações curtas entre pisos	‘ ‘
(Só se tiver ar condicionado) 3. Liguei o ar condicionado	‘ ‘
4. Usei os estores para controlar a temperatura	‘ ‘
5. Desliguei o computador quando não estava a utilizá-lo	‘ ‘
6. Desliguei as luzes ao sair das salas	‘ ‘
7. Desliguei o carregador do telemóvel quando não estava a utilizá-lo	‘ ‘
8. Desliguei a impressora quando parei de trabalhar	‘ ‘
9. Desliguei a televisão utilizando o comando	‘ ‘
10. Deixei a porta do frigorífico aberta enquanto estava a usar o pacote de leite (ou outra embalagem)	‘ ‘
11. Imprimi só a versão final dos documentos	‘ ‘
12. Usei os dois lados do papel nas impressões	‘ ‘
13. Liguei a máquina de lavar roupa só quando estava cheia	‘ ‘
14. Lavei a roupa na máquina a baixas temperaturas	‘ ‘

15. Liguei a máquina de lavar loiça só quando estava cheia	_ _ /
16. Lavei a loiça na máquina a baixas temperaturas	_ _ /
17. Desliguei a água enquanto lavava os dentes	_ _ /
18. Separei o vidro para reciclagem	_ _ /
19. Separei as embalagens para reciclagem	_ _ /
20. Separei o papel para reciclagem	_ _ /
21. Reutilizei papel	_ _ /
22. Separei as pilhas para reciclagem	_ _ /
23. Comprei detergentes não poluentes, embora sejam mais caros	_ _ /
24. Reutilizei sacos para ir às compras	_ _ /
25. Comprei comida biológica	_ _ /
26. Comprei comida produzida em Portugal	_ _ /
27. Aproveitei restos de comida	_ _ /
28. Comprei alimentos frescos embalados	_ _ /
29. Desliguei a água durante o duche	_ _ /
30. Consumi frutas e legumes da época	_ _ /
(Só se tiver automóvel) 31. Conduzi a velocidade moderada para poupar combustível	_ _ /
32. Usei transportes públicos nas deslocações diárias	_ _ /
(Só se tiver automóvel) 33. Usei o meu automóvel nas deslocações diárias	_ _ /
34. Apanhei boleia/partilhei viatura nas deslocações diárias	_ _ /
35. Andei a pé nas minhas deslocações diárias	_ _ /
36. Utilizei a bicicleta nas minhas deslocações diárias	_ _ /
37. Bebi água engarrafada	_ _ /
38. Usei amaciador de roupa	_ _ /
39. Usei ambientador na casa de banho	_ _ /
40. Aceitei os sacos de plástico para embalar as compras	_ _ /
41. Comprei sacos de plástico para o lixo	_ _ /
42. Verifiquei se as embalagens dos produtos eram recicláveis	_ _ /
43. Consumi comida importada de outros países	_ _ /
44. Fiz a pé (ou de bicicleta) trajectos curtos (ex: na zona de residência)	_ _ /
45. Consumi peixe	_ _ /
46. Consumi carne	_ _ /

VER P.10 alínea 46):
Se consumiu carne pelo menos algumas vezes (cód. 3, 4 ou 5) → IR PARA P.11
Caso contrário → IR PARA P.12

P.11. Que tipos de carne consumiu nas últimas duas semanas? **(SUGERIR - VÁRIAS RESPOSTAS POSSÍVEIS)**

Bovina (vaca, vitela)	1
Caprina (cabra, cabrito)	2
Ovina (ovelha, borrego)	3
Avícola (aves: frango, peru...)	4
Suína (porco, leitão)	5
Outras	98
NS/NR	99

P.12. Vou agora ler-lhe outro conjunto de acções ou comportamentos. Para cada um, gostaria que me dissesse se se aplica a si. **(LER LINHA A LINHA E REGISTRAR UMA RESPOSTA PARA CADA UMA)**

	SIM	NÃO
SE APLICA		
1) Tenho o meu computador definido para os modos de menor consumo de energia (screen save, stand-by, off, etc.)	1.....	2.....9
2) No último ano, adquiri um crédito ao consumo.....	1.....	2.....9
3) Tenho as portas e janelas calafatadas para evitar a perda de calor.....	1.....	2.....9
4) (Só se tiver carro) Verifiquei os critérios ambientais quando comprei um automóvel (ex: l/100Km; emissões CO ₂ ; híbrido)	1.....	2.....9
5) No último ano, doei 0,5% do IRS a uma instituição	1.....	2.....9

P.13. Vou ler-lhe algumas atitudes que podemos tomar no nosso dia-a-dia. Usando esta escala, gostaria que me dissesse com que frequência toma estas atitudes.

ESCALA:

- 1 – Nunca**
- 2 – Raramente**
- 3 – Algumas vezes**
- 4 – Muitas vezes**
- 5 – Sempre**
- 9 – Não se aplica**

ATITUDES	P.13
1. Compro lâmpadas de baixo consumo energético	_ _ /
2. Compro electrodomésticos de baixo consumo energético (por ex: "energy star"; "classe A+", etc.)	_ _ /
3. Compro pilhas recarregáveis	_ _ /
4. Verifico, nas etiquetas, a origem dos produtos que compro	_ _ /
5. Viajo de avião	_ _ /
6. Prefiro reparar uma coisa em vez de substituir por uma nova	_ _ /
7. Entrego pequenos electrodomésticos para reciclar	_ _ /
8. Entrego grandes electrodomésticos para reciclar	_ _ /
9. No último ano, apoiei uma ONG ambiental	_ _ /
10. No último ano, assinei uma petição por uma causa ambiental	_ _ /
11. No último ano, assinei uma petição por uma causa social	_ _ /
12. No último ano, fiz voluntariado	_ _ /
13. No último ano, participei numa causa ambiental	_ _ /

14. No último ano, apoiei uma ONG social	_ _ /
15. No último ano, participei numa causa social	_ _ /

P.14. Vou agora ler-lhe algumas afirmações, e gostaria que me dissesse até que ponto concorda com cada uma delas. Para tal, peço-lhe que use a seguinte escala.

ESCALA:

- 1 – Discordo totalmente**
- 2 – Discordo**
- 3 – Não concordo nem discordo**
- 4 – Concordo**
- 5 – Concordo totalmente**

AFIRMAÇÕES	P.14
1. Estou preocupado(a) com os problemas ambientais	_ _ /
2. Estou preocupado(a) com a situação económica	_ _ /
3. Estou preocupado(a) com as alterações climáticas	_ _ /
4. Estou preocupado(a) com o terrorismo	_ _ /
5. Estou preocupado(a) com o aumento da população mundial	_ _ /
6. As pessoas à minha volta encorajam-me a ser mais responsável para com o ambiente	_ _ /
7. O desenvolvimento tecnológico vai resolver os problemas ambientais	_ _ /
8. Os problemas ambientais são tão grandes que eu pouco posso fazer	_ _ /
9. Os problemas ambientais vão ter um impacto na minha vida	_ _ /
10. Como sociedade, precisamos de reduzir muito os níveis de consumo para melhorar o ambiente para as gerações futuras	_ _ /
11. Estou disposto a pagar mais por um produto com menos impacto ambiental ou a pagar uma taxa	_ _ /
12. A natureza tem valor só por si	_ _ /
13. Os seres humanos formam parte do ecossistema da mesma forma que os outros animais	_ _ /

DADOS DE CARACTERIZAÇÃO

D.1) Quantas pessoas vivem em sua casa, incluindo-se a si próprio(a), todos os adultos e crianças?

D.2) E quantas pessoas, com 15 anos ou mais, vivem atualmente no seu lar?

	D.1	D.2
	Nº TOTAL DE PESSOAS (ADULTOS + CRIANÇAS)	Nº PESSOAS COM 15 anos ou +
1	1	1
2	2	2
3	3	3
4	4	4
5	5	5
6	6	6
7	7	7

8	8	8
9 ou mais	9	9

D.3) O(a) Sr.(a) é o principal responsável pelas compras e tarefas no lar?

SIM 1
NÃO 2

D.4) O(a) Sr.(a) é, no lar, a pessoa que mais contribui para o rendimento familiar?

SIM 1 → IR PARA **D.9**
NÃO 2 → IR PARA **D.5**

Atenção: da D5 à D8 faz-se apenas se os inquiridos NÃO são os indivíduos que mais contribuem para o rendimento familiar

D.5) E qual o grau de instrução mais elevado que o(a) Sr(a). concluiu?

UNIVERSITÁRIO / PÓS GRADUAÇÃO /
MESTRADO / DOUTORAMENTO 1
CURSO MÉDIO / POLITÉCNICO 2
FREQUÊNCIA DE CURSO SUPERIOR/ MÉDIO 3
12º ANO (7º ANO LICEAL / 11º ANO)..... 4
9º ANO (5º ANO LICEAL)..... 5
6º ANO (2º ANO LICEAL)..... 6
INSTRUÇÃO PRIMÁRIA COMPLETA 7
INSTRUÇÃO PRIMÁRIA INCOMPLETA / ANALFABETO ... 8

D.6) Qual a sua ocupação/profissão actual?

(SE TIVER MAIS QUE UMA PROFISSÃO, FALAR NA PRINCIPAL) (UMA SÓ RESPOSTA)

TRABALHADOR POR CONTA PRÓPRIA 1
TRABALHADOR POR CONTA DE OUTRÉM..... 2
DESEMPREGADO 3 ➤ IR PARA **D.8**
APOSENTADO / REFORMADO 4 ➤ IR PARA
D.9 DOMÉSTICA / RESPONSÁVEL PELAS COMPRAS E FAZ A LIDA DA CASA 5 ➤ IR
PARA **D.9** ESTUDANTE..... 6
➤ IR PARA **D.9**

D.7) Importa-se de me dizer qual é exactamente a sua ocupação ou actividade profissional principal?

(REGISTE DETALHADAMENTE, INCLUSIVE SE POR CONTA PRÓPRIA OU DE OUTRÉM, E SE EXERCIA OU NÃO CARGO DE CHEFIA)

REGISTE: _____

Não tem empregados/ não exerce chefia 1
Patrão / Chefe / Responsável por 1 a 5 empregados 2
Patrão / Chefe / Responsável por 6 ou + empregados..... 3

PASSAR PARA A D. 9

D.8) (SE desempregado ou aposentado ACTUALMENTE): Já exerceu uma actividade profissional remunerada anteriormente? Qual foi a última? **(REGISTE DETALHADAMENTE, INCLUSIVE SE POR CONTA PRÓPRIA OU DE OUTRÉM, E SE EXERCIA OU NÃO CARGO DE CHEFIA)**

REGISTE: _____

Conta própria..... x Não tem empregados/ não exerce chefia 1
Conta doutrem..... x Patrão / Chefe / Responsável por 1 a 5 empregados 2
 Patrão / Chefe / Responsável por 6 ou + empregados 3

Atenção: da D.9 à D.12 responda com a informação que diz respeito à pessoa que mais contribui para o rendimento familiar

D.9) Qual o grau de instrução mais elevado que o(a) Sr(a) / a pessoa que mais contribui para o rendimento familiar concluiu?

UNIVERSITÁRIO / PÓS GRADUAÇÃO /	
MESTRADO / DOUTORAMENTO	1
CURSO MÉDIO / POLITÉCNICO	2
FREQUÊNCIA DE CURSO SUPERIOR/ MÉDIO	3
12º ANO (7º ANO LICEAL / 11º ANO).....	4
9º ANO (5º ANO LICEAL).....	5
6º ANO (2º ANO LICEAL).....	6
INSTRUÇÃO PRIMÁRIA COMPLETA	7
INSTRUÇÃO PRIMÁRIA INCOMPLETA / ANALFABETO ...	8

D.10) Qual a profissão actual do(a) Sr(a). / da pessoa que mais contribui para o rendimento familiar?
(SE TIVER MAIS QUE UMA PROFISSÃO, FALAR NA PRINCIPAL) (UMA SÓ RESPOSTA)

TRABALHADOR POR CONTA PRÓPRIA.....	1
TRABALHADOR POR CONTA DE OUTRÉM	2
DESEMPREGADO.....	3 ➔ IR PARA D. 12
APOSENTADO / REFORMADO	4 ➔ IR PARA D. 12
DOMÉSTICA / RESPONSÁVEL PELAS COMPRAS E FAZ A LIDA DA CASA	5
ESTUDANTE.....	6

D.11) Importa-se de me dizer qual é exactamente a ocupação ou actividade profissional principal do(a) Sr(a). / da pessoa que mais contribui para o rendimento familiar? **(INSISTA PARA QUE A RESPOSTA SEJA O MAIS DETALHADA POSSÍVEL)**

REGISTE: _____

Não tem empregados/ não exerce chefia	1
Patrão / Chefe / Responsável por 1 a 5 empregados	2
Patrão / Chefe / Responsável por 6 ou + empregados.....	3

D.12) (SE desempregado ou aposentado ACTUALMENTE): Já exerceu uma actividade profissional remunerada anteriormente? Qual foi a última? **(REGISTE DETALHADAMENTE, INCLUSIVE SE POR CONTA PRÓPRIA OU DE OUTRÉM, E SE EXERCIA OU NÃO CARGO DE CHEFIA)**

REGISTE: _____

Conta própria..... x	Não tem empregados/ não exerce chefia	1
Conta doutrem..... x	Patrão / Chefe / Responsável por 1 a 5 empregados	2
	Patrão / Chefe / Responsável por 6 ou + empregados.....	3

D.13) Diga-me, por favor, é o seu estado civil?

SOLTEIRO(A)	1
DIVORCIADO(A)/SEPARADO(A)	2
VÍUVO(A).....	3
CASADO(A) OU A VIVER EM UNIÃO DE FACTO	4
RECUSA.....	5

D.14) Qual é a sua nacionalidade **(UMA SÓ RESPOSTA)**

PORTUGUESA	1
ESTRANGEIRA. QUAL?:	2
DUPLA NACIONALIDADE. QUAIS?:	3
APÁTRIDA	4
NR.....	9

Apêndice III – Consentimento Informado



Atitudes e Comportamentos Ambientais Responsáveis na Região Autónoma da Madeira

Gostaríamos de lhe pedir para participar num estudo, no âmbito do Mestrado de Psicologia Social e das Organizações, coordenado pela Prof.^a Dra. Ana Loureiro (Universidade Lusófona) e com a colaboração do Dr. Pedro Viveiros (Universidade Lusófona).

Neste estudo vamos verificar, através da aplicação do Questionário Observatório do Consumo Consciente, a relação que existe entre atitudes ambientais e o comportamento responsável, nomeadamente pelos hábitos de consumo, em indivíduos residentes na Região Autónoma da Madeira (RAM).

Neste estudo ser-lhe-á pedido que responda a um questionário composto por duas partes:

1^a - questões relacionadas com os seus hábitos de consumo (Ex: possui um ou mais automóveis, quantos frigoríficos tem em sua casa, etc.)

2^a - questões relacionadas com a sua caracterização socio económica (Ex: idade, profissão, grau de instrução, etc.)

Por favor considere a seguinte informação cuidadosamente:

1. A sua participação neste estudo é voluntária. Tem o direito de desistir do estudo em qualquer altura sem que sofra, por isso, qualquer penalização ou perda de benefícios. Tem também o direito de recusar responder a qualquer questão durante o estudo não necessitando de explicar a sua decisão ao investigador.
2. Não há qualquer risco ou desconforto conhecido associado à participação neste estudo.
3. Os benefícios diretos deste estudo para a sociedade ainda não são conhecidos, mas a sua participação irá contribuir para um maior conhecimento das práticas ambientais na RAM e poderá contribuir para a melhoria das políticas relativas ao ambiente.
4. Toda a informação relativa à sua identidade será mantida separada das suas respostas.
5. Este estudo NÃO pretende recolher informação acerca de indivíduos específicos, portanto as suas respostas serão combinadas com as de outros indivíduos com o objetivo de realizar uma

análise estatística. Se os resultados forem publicados ou apresentados a publicação protegerá a identidade de todos os participantes.

6. Ao concordar participar não abdicará de quaisquer direitos legais que poderá ter como participante neste estudo.

7. A Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias reviram este projeto de investigação e consideraram-no como estando de acordo com práticas da instituição que visam proteger os direitos e bem-estar dos participantes na investigação.

Caso tenha quaisquer questões, preocupações ou queixas acerca deste estudo poderá contactar o investigador Pedro Viveiros através do email **viveiros.pedro@gmail.com**, ou a coordenadora Ana Loureiro através do email **ana.loureiro@ulusofona.pt**. Quaisquer questões acerca dos seus direitos como participante neste estudo ou para discutir outras preocupações ou queixas relacionadas com o estudo com alguém que não faz parte da equipa de investigação poderá contactar Jorge Oliveira, membro da Comissão de Ética e Ética na Investigação Científica da Escola de Psicologia e Ciências da Vida (CEDIC) na Universidade Lusófona, através do email **jorge.oliveira@ulusofona.pt**.

Tenho mais de 18 anos, li estas explicações e garantias e aceito voluntariamente participar na investigação acerca da relação que existe entre atitudes ambientais e o comportamento responsável.



Formulário de Consentimento

Título do Projeto: Atitudes e Comportamentos Ambientais Responsáveis na Região Autónoma da Madeira

Equipa de investigação: Ana Loureiro, Pedro Viveiros.

	Assinale com uma rubrica
Tenho, pelo menos, 18 anos.	
Confirmo que li e percebi a informação acerca do estudo acima referido e que tive oportunidade de considerar esta informação, colocar questões e que estas foram respondidas de forma satisfatória.	
Compreendo que a minha participação é voluntária e que sou livre de desistir em qualquer altura, sem ter de oferecer uma justificação sem que os meus direitos médicos ou legais sejam afetados.	
Concordo em participar no estudo acima referido.	

Nome do Participante

Data

Assinatura

Investigador

Data

Assinatura